

DE LEITORA PARA LEITORA: a presença da mulher madura e sua experiência de vida, análise de textos publicados em Marie Claire¹

Denise Castilhos de Araujo^(*)
Bibiana Borba Haubert^(**)

Resumo

Este artigo discute as produções textuais de um público pouco presente nos textos científicos, a mulher madura, ou seja, o indivíduo feminino com idade compreendida entre 45 e 65 anos. Pretende-se, então, analisar os textos produzidos por mulheres na faixa etária mencionada, retirados da seção Eu, Leitora, da revista Marie Claire, utilizando-se para tanto, a Análise de Conteúdo de Bardin (2004).

Palavras-chave: Mulher Madura. Revista Marie Claire. Análise de Conteúdo. Representações.

Abstract

This article discusses the textual productions of some scientific texts present in public, mature woman, or the female subject aged between 45 and 65 years. Then we intend to analyze the texts produced by women in that age group, taken from I, Reader section of Marie Claire magazine, using for such purpose the content analysis of Bardin (2004).

Keywords: Mature Woman. Marie Claire Magazine. Content Analysis. Representation.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é analisar o conteúdo da seção *Eu, Leitora*, da revista Marie Claire, partindo da seguinte problemática: como e quais são as temáticas abordadas pelas mulheres maduras na seção *Eu, Leitora* da revista Marie Claire? Essa seção está presente na revista desde a sua primeira edição no Brasil, no ano de 1991. Nela, uma leitora, que se transforma em escritora do texto, revela as outras leitoras do periódico, uma história marcante de sua vida, compartilhando a sua experiência, transformando-se, talvez, em uma conselheira, ou em alguém que desvende maneiras de solucionar problemas parecidos com o de outras tantas leitoras, talvez, de forma mais tranquila.

¹Artigo realizado a partir de pesquisa financiada pelo CNPq.

(*)^(*) Professora do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais, e dos cursos de Comunicação Social e Design (Universidade Feevale). Doutora em Comunicação Social, pesquisadora do Grupo de Estudos Cultura e Memória da Comunidade e-mail: deniseca@feevale.br.

(**)^(**) bolsista de iniciação científica, aluna do curso de Publicidade e Propaganda (universidade Feevale). E-mail: bibiana_haubert@hotmail.com.

Marie Claire é uma revista mensal, e, ao longo do ano de 2013, doze leitoras tiveram suas histórias publicadas. Dessas, metade se encaixa na faixa etária que chamamos de “mulheres maduras”: dos 45 aos 65 anos. Essas mulheres contaram histórias de amor, histórias relacionadas à saúde e à maternidade.

O que se pretende, então, com este artigo é analisar essas produções textuais, considerando-se, para tanto, Bardin (2004)² para identificação de categorias tratadas nos textos.

Inicialmente, contextualizar-se esse grupo de mulheres, autoras dos textos, que aqui são nomeadas de mulheres maduras, por pertencerem a faixa etária considerada entre os 45 e os 65 anos, que são mulheres pouco mencionadas em produções midiáticas. Intenciona-se identificar quais as temáticas que são abordadas por esses indivíduos e a maneira como isso é realizado.

MULHERES MADURAS: discutindo o conceito

A temática “gênero” é, há bastante tempo, pesquisada no campo acadêmico, em virtude das alterações, manifestações, transformações, conquistas que as mulheres realizaram/realizam em diversos espaços sociais. Igualmente, sabe-se que ainda há muito a ser buscado por esses indivíduos, principalmente no que diz respeito a tratamentos menos preconceituosos ou, ainda, violentos por parte da sociedade.

Considerando-se o gênero como um campo de estudo muito amplo, definiu-se delimitar um grupo específico de mulheres a se tornarem objeto dessa pesquisa que se realiza desde 2013, com o apoio do CNPq, e que objetiva verificar a imagem da mulher madura na mídia impressa brasileira. Este artigo é parte dessa pesquisa, e busca, nesse momento, definir o conceito de mulher madura e caracterizar o discurso dessa mulher em uma seção da Revista Marie Claire.

O estudo a respeito da velhice, tanto feminina quanto masculina, vem sendo realizado de maneira constante por vários pesquisadores, entretanto, o texto inicial que apontou para a necessidade de refletir a respeito dessa faixa etária foi escrito por Simone De Beauvoir (1970), a qual indicou que os velhos viviam esquecidos pela sociedade francesa. No Brasil, observa-se autoras como Guita Debert (1994; 2002; 2011; 2012), Mirian Goldenberg (2008;2013), Ana Maria Goldani (1999), entre outros, que desenvolvem inúmeros textos para contextualizar, explicar e discutir a velhice no Brasil.

Debert (2012)³ afirma que existe, atualmente, uma proliferação de etapas intermediárias de envelhecimento, como “meia-idade”, “terceira idade”, “aposentadoria ativa”, que rompem

²BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.

³DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo; Edusp/Fapesp, 2012.

com as expectativas tradicionalmente associadas aos estágios mais avançados da vida. Cada uma destas etapas passa a indicar fases propícias para o prazer e para a realização de sonhos adiados em momentos anteriores.

Um exemplo dessa mudança, citado por Debert, é um pesquisa que mostra que 96 mulheres relataram a faixa dos 40 anos “como um momento privilegiado para a descoberta de novas potencialidades, para o exercício da sedução, para a estréia no papel de mãe ou de profissional, para a inauguração de novos projetos e concretização de outros que tiveram de ser adiados”(2012, p.77).

Conforme a expectativa de vida aumenta, a percepção acerca da velhice pode mudar. O velho de antigamente não é mais o velho de hoje. E os significados atribuídos a quem é considerado “velho”, também mudam conforme a sociedade passa a olhar mais para esse grupo de indivíduos, cada vez maior da população. Barros (2011)⁴ menciona que atualmente o corpo velho deve se adaptar a um modelo de envelhecimento, que, muitas vezes, exigirá certas intervenções a fim de que o corpo e a mente permaneçam ágeis.

No caso dos idosos, ou seja, pessoas a partir dos 60 anos, existem muitas associações errôneas e preconceitos relacionados a essa idade. “(...)em nossa cultura, diversos mitos e atitudes sociais são atribuídos às pessoas com idade avançada, principalmente os relacionados à sexualidade, dificultando a manifestação desta área em suas vidas.”(Gradim, Souza e Lobo, 2007, p. 205)⁵. De acordo com os autores, o envelhecimento é parte do processo vital, e que difere entre as pessoas, salientando que há aspectos negativos como o decréscimo físico, mas há, por outro lado, o ganho de experiências e de liberdade.

Por muito tempo, não se falava sobre a terceira idade. Hoje, existem mais discussões sobre os assuntos que permeiam a também chamada de “melhor idade”. Existe mais espaço na sociedade para a vida dessas pessoas, há lugares e programações específicas para elas, que também podem ser encontradas em atividades antes associadas apenas aos mais jovens, como o namoro ou os estudos.

A relação com o trabalho também mudou. As pessoas estão deixando de trabalhar muito mais tarde, e os “aposentados” não ficam parados. “Uma nova linguagem, empenhada em alocar o tempo dos aposentados, é ativa na construção das etapas mais avançadas da vida como uma

4 BARROS, Myriam M. L. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

5 GRADIM, Clícia Valim Côrtes, SOUZA, Ana Maria Magalhães e LOBO, Juliana Magalhães. *A prática sexual e o envelhecimento*. Minas Gerais, 2007.

fase dinâmica em oposição à ideia da aposentadoria como um momento de desengajamento passivo de uma vida ativa” (Debert, 2012)⁶.

As mulheres idosas de hoje, cresceram e se educaram em uma sociedade muito diferente da atual. Porém, como mostra Rodrigues e Justo, “desobrigadas dos papéis, das ocupações e dos modelos de identificação tradicionais, as longevas podem se conectar a outros modos de subjetivação que lhes tragam ampliações da experiência de vida, sobretudo, no tocante a ressignificação de sua feminilidade” (2009, p.172)⁷. Ou seja, os valores e o significado atribuído ao feminino não são mais os mesmos de quando eram jovens.

Para Goldenberg (2013)⁸, há uma evidente possibilidade dos indivíduos terem uma “bela velhice”, considerando-se para isso a felicidade no projeto de vida, que podem ser quaisquer atividades que tragam esse sentimento.

Ao longo da vida, o ser humano passa por diversas mudanças físicas. E, para a mulher há etapas muito marcantes, por exemplo, na puberdade, passa por um momento marcante que é o início do ciclo menstrual. E isso a acompanha ao longo de toda a vida, até a chegada da menopausa. A interrupção da menstruação e, conseqüentemente, do ciclo reprodutivo, que é uma das mudanças físicas mais marcantes para a mulher madura. Mas como diz Mori e Coelho⁹: “(...) apesar de o corpo feminino ser fortemente marcado pelo ciclo biológico-reprodutivo, o destino da mulher não pode ser reduzido à fisiologia humana” (2003, p.4).

Outro aspecto físico que marca o envelhecimento da mulher é a aparência. A beleza e a vaidade sempre foram muito ligadas à figura feminina. Com o envelhecimento, aparecem rugas, fios brancos, entre outras mudanças corporais. Muitas mulheres buscam ações “corretivas” como intervenções cirúrgicas, dietas e tratamentos. Porém, por um outro lado, vemos mulheres mais preocupadas com a saúde e a qualidade de vida do que com o reflexo do espelho.

No âmbito familiar, o papel da mulher também muda. Com os filhos já crescidos e criando suas próprias famílias, a mãe passa a ser avó. Dentro de casa, os cuidados são com ela mesma ou com o marido, se ainda presente. As mulheres dos anos dourados, como nos conta Bassanezi¹⁰, tinham a maternidade não apenas como uma vontade, mas como uma obrigação

⁶DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice*. Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Universidade de São Paulo:2012.

⁷RODRIGUES, Aretusa de Paula. JUSTO, José Sterza. *A ressignificação da feminilidade na terceira idade*. Porto Alegre; Estud. interdiscipl. Envelhec, 2009.

⁸GOLDENBERG, Mirian. *A bela velhice*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

⁹MORI, Maria Elizabeth. COELHO, Vera Lucia Decnop. *A vida ouvida: a escuta psicológica e a saúde da mulher de meia-idade*, 2003.

social, a “sagrada missão feminina” (1999, p. 634). Na velhice, essa missão foi cumprida e a relação com os netos é muito mais ligada à diversão do que à obrigação.

E, diante de todas essas alterações, tanto físicas quanto psicológicas, é interessante observar como uma determinada categoria de mulheres é representada na mídia impressa, ou seja em revistas destinadas ao público alvo desta pesquisa. Grupo esse ainda não muito definido conceitualmente pelos autores que tratam a respeito da velhice, e, por isso mesmo, motivador dessa reflexão. Jodelet¹¹ (2001, p.18) afirma que as “representações sociais circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas. Espera-se, então, ser possível verificar a representação social construída pela revista em relação à categoria feminina estipulada para essa pesquisa.

REVISTA FEMININA

O mercado de revistas é o segmento de maior destaque no nosso país, pois, atualmente, circulam cerca de quatro mil títulos de periodicidades semanal, quinzenal e mensal, de acordo com o site da Associação Nacional de Editores de Revistas (ANER).

As revistas têm como objetivo apresentarem informações, agregando conhecimento ao leitor, expondo assuntos que, muitas vezes, são sedutores ou distantes ao leitor. São feitas de forma resistente e com a intenção de conseguirem chamar a atenção e estabelecer uma relação próxima daquele que lê, pela estética e conteúdo apresentados, pois abrangem assuntos do seu interesse.

A estratégia principal desse mercado é a segmentação. As revistas possuem públicos muito específicos, considerando, muitas vezes, gênero, idade, comportamento, classe social, interesses, entre outros aspectos diferenciadores e/ou agregadores.

As primeiras revistas foram criadas no século XVII, durante o Iluminismo, e foram publicadas por academias e sociedades científicas, o objetivo era a promoção do conhecimento científico (ALI, 2009). De acordo com Ali¹², nesse período, a leitura de revistas era considerado um hábito das classes altas, pois a maioria da população era analfabeta; o conteúdo desses periódicos versava sobre conselhos e boas maneiras, moda, vida social, religião, política e literatura. No século XVIII, na Europa, foi lançada

10³BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos Anos Dourados – História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.

11⁴JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro:UERJ, 2001.

12⁵ALI, Fátima. *A arte de editar revistas*. São Paulo: Campanha Editora Nacional, 2009.

uma série de revistas, com valores mais baixos, e com informações que contribuíram para a cultura e entretenimento dos leitores, elas eram publicações populares, e eram mais vendidas que os jornais e livros.

A revista chegou ao Brasil juntamente com a família real, em 1808, e depois da vinda da realeza, muito mudou neste país, por exemplo, a forma de conviver com o analfabetismo, a religião, os costumes - da forma de vestir, comer, ler - que a corte trouxe, assim, a transformação teria que ser imediata para que a família real pudesse colocar em prática sua maneira de viver, e estabelecer suas regras.

As revistas exerceram/exercem papel de divulgadoras de certos padrões de conduta e aparência, principalmente, para as mulheres, pois, através da veiculação de textos verbais e icônicos, têm a oportunidade de orientarem o fazer e o ser dessa mulher na sociedade.

Buitoni¹³ descreve o periódico como: "Revista é ilustração, é cor, jogo, prazer, é linguagem mais pessoal, é variedade [...] Revista é uma janela, uma vitrine" (BUITONI, 1990). Atualmente, o mercado de revistas é o segmento de maior destaque no país, em função do tipo de linguagem, que conjuga o lado informativo do jornalismo com a personalização própria dessas publicações.

Outro aspecto interessante das revistas é a abordagem de determinados assuntos, os quais são elaborados de acordo com os interesses dos leitores, ou melhor, o que mais se aproxima dos interesses desse grupo. No caso de revistas femininas, vê-se que há espaços que tratam de questões relacionadas à estética, à família, ao trabalho, à realização pessoal, à saúde, aos relacionamentos, à moda, à decoração da casa.

Diante da abordagem dessas temáticas, pode-se afirmar que tais publicações tomaram para si a tarefa de servirem como manuais de conduta para os comportamentos, para as relações, e, também, para as formas estéticas das mulheres, consideradas como público alvo de tais magazines. Então, as mulheres têm, a partir da leitura desses periódicos, a possibilidade de consumirem certas construções que podem ser vistas como aquelas que as representam.

13 BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990.

E essas representações têm sido tomadas como uma espécie de espelho, a partir das quais muitas mulheres estruturam suas próprias imagens, de acordo com o que apreendem e entendem como o mais adequado para determinadas situações ou fases de suas vidas.

Existem muitas publicações de revistas femininas, apesar de abordarem assuntos parecidos, focam em mulheres que constituem determinados grupos com características específicas.

Presente em outros 34 países, há 22 anos, a Revista Marie Claire atinge 1.069.000 leitores (projeção Brasil, estudos Marplan – Jan. a Dez. de 2012). Desses, 92% são mulheres, 69% da classe AB e 65% têm entre 18 e 49 anos (estudos Marplan – Jan. a Dez. de 2012).

Com o slogan “Chique é ser inteligente”, ela traz matérias de moda, beleza, relacionamento, cultura e comportamento. A seção estudada, “Eu, Leitora”, existe desde a primeira edição da revista.

DISCUSSÃO DOS TEXTOS SELECIONADOS

Para essa reflexão, a respeito da representação social (JODELET, 2001), ou do espaço disponibilizado para a mulher madura, foram selecionadas seis histórias publicadas na seção *Eu, Leitora* da revista Marie Claire, e analisou-se três delas, uma de cada categoria identificada. Justifica-se essa escolha, considerando-se, para tanto, a idade da mulher que escreveu o texto, ou seja, mais de 45 e menos de 65 anos.

Para a crítica dos textos, utilizou-se a análise temática, ou seja, buscou-se identificar núcleos de sentido frequentes e presentes nos textos avaliados, a fim de encontrar categorias que se repetem nos materiais analisados. E, para tanto, optou-se em trabalhar com a Análise de Conteúdo de Bardin¹⁴, que obedece às seguintes etapas de pesquisa: 1º. Leitura dos textos para identificar as informações a serem analisadas e a codificação dos materiais; 2º. Definição das unidades de análise (tema) e de contexto (referência); 3º. Categorização (válidas, exaustivas, homogêneas, exclusivas, objetivas)

¹⁴BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

construída ao longo do processo de análise; 4º. Descrição das categorias analisadas e 5º. Interpretação a partir da produção de teoria a partir dos materiais em análise.

Na tabela 1 é possível identificar o mês da edição da revista, o título do texto publicado, bem como a idade da autora.

Tabela 1: Descrição das matérias

Mês da edição (2013)	Título da história	Idade da autora do texto
Janeiro	“Tenho HIV há 15 anos e sou feliz” (p.75-77)	63 anos
Março	“Internei meu filho 14 vezes para livrá-lo do crack. E não consegui” (p. 119-121)	57 anos
Maiο	“Me livreι de uma relação doentia e encontrei um novo amor”(p.139-142)	50 anos
Agosto	“Sou gay e fui aceita por uma igreja evangélica” (p. 117-118)	46 anos
Setembro	“Descobri que era bipolar, por isso tinha compulsão por sexo e compras” (p.147-149)	48 anos
Outubro	“Vivo há anos com o homem que enganei pela internet” (p.155-157)	45 anos

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Observando-se os textos publicados, pode-se ver que o título da matéria é sempre uma frase que resume a história narrada, e que faz parte da produção textual da autora. Essa estratégia cria maior aproximação entre a autora do relato e a leitora, que se tornam cúmplices dos fatos contados, estabelecendo-se desde o princípio certa convivência.

As histórias relatam fatos ocorridos há mais de dez anos com as protagonistas, mas que somente agora, presente da narrativa, são revelados com distanciamento da situação, podendo a autora refletir a respeito do fato com mais experiência, típica da maturidade.

Os textos são escritos em primeira pessoa, ou seja, a protagonista da história é a própria narradora. As duas a três páginas da seção são constituídas por apenas texto verbal, sem nenhuma imagem ilustrativa. Entre o texto corrido, algumas frases são destacadas, dentro de retângulos de 5,5cm x 3,5cm, chamando a atenção para aspectos

importantes na história contada, por serem dramáticos. A linguagem é informal, ou seja, é apresentada no nível coloquial da língua, evitando o uso de gírias ou expressões populares. A escolha desse estilo de escrita aproxima a leitora da escritora do texto, pois passa a ser uma conversa entre amigas.

Os enredos das histórias giram em torno de alguma situação séria, um desafio, um conflito, que, com exceção da história do mês de Março, foram superadas pelas escritoras, ou seja, as narrativas apresentam uma estrutura com início, desenvolvimento e final. O tom presente nas histórias não é o de aconselhamento, mas o testemunho de uma vivência, de uma experiência, pois são mulheres contando a respeito de suas existências e os fatos que foram marcantes, vê-se, então, que há o compartilhamento dessas experiências. Embora, indiretamente, tais textos aproximem-se do aconselhando, tanto para evitar determinadas situações como para ter certo conhecimento no fato narrado.

Observando os relatos publicados, pode-se agrupá-los, então, em três categorias, a partir dos assuntos abordados. Dessa forma, tem-se as seguintes categorias: histórias de amor (Maio, Agosto e Outubro), histórias sobre saúde (Janeiro e Setembro) e história de maternidade (Março).

CATEGORIA 1: HISTÓRIAS DE AMOR

- 1) “Me livreí de uma relação doentia e encontrei um novo amor”
- 2) “Sou gay e fui aceita por uma igreja evangélica”
- 3) “Vivo há anos com o homem que enganei pela internet”

As três leitoras que contam suas histórias têm 50, 46 e 45 anos, respectivamente. A primeira história aconteceu há quatorze anos, a segunda há, aproximadamente, dezoito anos e a terceira há dez anos.

Apesar de tratarem do tema amor, as situações em que as protagonistas se encontram diferem muito entre si. No caso da primeira história, a leitora estava em um relacionamento que não lhe fazia bem, conseguiu sair dele e começar um novo. No presente da narrativa, indica saber o que é melhor para si, bem como um relacionamento saudável deve ser.

Na segunda história, a protagonista descobre a sua verdadeira sexualidade, e enfrenta o preconceito e a humilhação dentro do lugar em que se sentia segura, a sua igreja. Ela conseguiu ser feliz com a sua companheira, sem precisar abandonar a religião.

Por fim, na terceira história, a leitora começa um relacionamento virtual, que é abalado quando os dois se conhecem, pois ela mentiu sobre si mesma. Mas acabam ficando juntos e felizes.

A análise proposta é a da história “Me livrei de uma relação doentia e encontrei um novo amor”. Nesta narrativa é possível identificar uma mulher que é arrebatada pela vida, ou seja, inicialmente ela se coloca como vítima de circunstâncias que ocorreram ao longo de vários anos, desde a sua primeira separação, acontecida porque o marido estava apaixonado por outra mulher, aos fatos ocorridos em seu segundo matrimônio.

O relato registrado na revista refere-se ao segundo relacionamento, o qual ela afirma que começou em virtude da insistência do homem que, inicialmente, observou ser pouco atrativo fisicamente e psicologicamente. Após várias investidas, a narradora diz ter cedido aos encantos românticos do homem. Abordagens que eram envio de flores, de presentes, viagens, jantares, que ela relata como: “[...] ele fez um jogo pesado de sedução” (p.140). Então, o que se percebe na fala dessa mulher, é que, ao receber certos presentes, e de maneira intensa, não conseguia negar ao homem o que ele pedia. Aqui é possível identificar, talvez, certa imaturidade da personagem que se encanta pelos mimos recebidos. A autora diz, adiante, que “o príncipe que era sapo (p.140)”, fazendo referência ao conto de fadas, talvez intencionando relacionar o romance com esse tipo de narrativa fantástica.

Na sequência do relato, observa-se a desestruturação da relação, a partir do momento em que o homem evidenciou a necessidade de ter outras mulheres. A partir desse momento, a autora do texto demonstra situações que revelam a intenção de menosprezá-la, e ela não reagiu, ao menos no seu discurso, a tais situações. “Triste, comecei a engordar. [...] Disse que perderia o tesão por mim, pois odiava gente gorda” (p.140). Isso pode ser visto como comportamentos com os quais uma mulher deva se conformar, ou seja, ações que podem ser realizadas por homens e consideradas como

aceitáveis na sociedade. Outro fato que a autora revela foi a descoberta da traição do marido, e ela afirma: “A amante era mais velha, feia e estava desempregada” (p.142).

Um dos destaques presentes no texto indicam que a autora do texto “Encontrei ajuda no grupo Mulheres que amam demais”, a fim de resolver sua situação com o marido. Nessa afirmação, observa-se a necessidade de, em momentos trágicos, buscar ajuda com outras mulheres. Nesse momento, a mulher afirmou: “Meu novo foco: eu” (p.142); revelando a disposição de modificar aquilo que considerava inadequado para sua vida.

O discurso proferido é o de que a mulher tem condições de vencer as adversidades da vida, pois nos três discursos vemos indivíduos que sofreram muito, mas tal sofrimento não foi suficiente para desmotivar a mulher e fazê-la desistir. No entanto essa mudança vem depois de um relacionamento que durou em torno de oito anos. Parece, então, que a mulher, ao obter mais experiência, mais maturidade e ter ido buscar ajuda com um grupo de apoio, o que também pode remeter à maturidade, foi que conseguiu se certificar da necessidade do término do relacionamento que vivia. E, ao finalizar, ela diz que conseguiu “transformar” sua vida, indicando maturidade e uma percepção diferenciada da vida.

CATEGORIA 2 - HISTÓRIAS DE SAÚDE:

01) “Tenho HIV há 15 anos e sou feliz”

02) “Descobri que era bipolar, por isso tinha compulsão por sexo e compras”

As leitoras que contam suas histórias têm 63 e 48 anos, respectivamente. A primeira história aconteceu há quinze anos e a segunda há doze anos.

Nas duas histórias, as leitoras descobrem possuir uma doença que não tem cura, apenas tratamento. E em ambas, na época que descobriram, se sabia pouco sobre suas doenças. A primeira enfrentou preconceitos e conceitos errôneos (inclusive dela mesma) sobre a doença e a contaminação. E a segunda, a falta de preparo dos médicos, que receitavam remédios inadequados.

No caso das histórias relacionadas à saúde, as etapas da narrativa diferem um pouco. A primeira começa com a autora contando rapidamente sobre a sua criação e seu

primeiro casamento. Após, fala do segundo e da perda do seu marido, por quem foi contaminada. Para, então, chegar ao momento em que descobre a sua doença, quando já estava se relacionando com outro homem, aos 48 anos de idade. Ela teve discussões com o atual namorado, para, por fim, entenderem juntos a doença e como poderiam continuar o relacionamento. Ela conta a sua luta e a evolução que viu no tratamento para a Aids. E no fim, apesar de perder seu amado, ela se diz feliz.

A segunda história começa no momento principal, ou seja, o relato do surto que levou a protagonista a descobrir a sua doença. Após isso, ela fala sobre a sua vida até aquele momento, e os altos e baixos que vivia e nem imaginava que poderiam ser frutos de uma doença. Ela termina contando como é sua vida hoje, com mudanças profissionais, mas com as pessoas que ama perto dela. Ela também se diz feliz.

Por se tratarem de doenças que atingem muitas pessoas ao redor do mundo, a possibilidade de leitoras se identificarem é grande. Serve de motivação para quem passa ou passou pela mesma luta e inspiração para quem tem uma saúde boa.

A primeira história, e que será analisada, tem como título: “Tenho HIV há 15 anos e sou feliz”, e evidencia justamente uma superação, ou seja, apesar de ter uma doença, que segundo a própria depoente era desconhecida e tida como uma sentença de morte, hoje, ela consegue ser feliz. A autora diz: “Aids aos 48 anos”, revelando o momento em que foi contagiada pelo vírus, mostrando, de certa forma, ingenuidade ou uma profunda confiança no marido, apesar de ser uma mulher com uma considerável vivência de vida.

Ao longo de seu relato, a doença é nomeada por AIDS, indicando o nome mais usual e talvez o que mais amedronte, porque carregado de preconceitos sociais, pois nos primeiros anos em que a doença tornou-se conhecida, estava associada a grupos sociais marginalizados, os homossexuais, as prostitutas. E, de acordo com Jodelet (2001), a representação social da doença a tornou um estigma social, que poderia provocar o ostracismo e a rejeição, gerando, assim, submissão e revolta.

A autora do relato enuncia “Falava-se apenas em grupos de risco, [...] eram homossexuais, usuários de drogas e profissionais de sexo” (p.76). Então, quem adquiria a doença provavelmente pertenceria a esses grupos. Entretanto, ainda hoje, depois de ser observado que a doença não tem grupos de risco, a falta de conhecimento dos sintomas e das formas de contágio ainda geram preconceitos.

Ao longo do texto são encontrados dois destaques: “Até os 50 anos, eu nunca tinha segurado uma camisinha” e “Ficamos juntos, porque o amor era maior que a Aids”. O primeiro destaque evidencia a pouca experiência sexual da mulher, algo muito comum, considerando-se o período no qual passou a maior parte de sua infância e juventude, década de 1950 e 1960, bem como as características que os casamentos tinham.

O segundo destaque enfatiza uma crença social, a de que o amor é um sentimento que pode vencer qualquer barreira, e, apesar da doença ser considerada “grande”, o amor era maior entre o casal.

É como se a história dessa leitora mostrasse para as demais, que independentemente das circunstâncias, é possível ser feliz no amor, indicando o fato de que em um determinado momento da vida, a mulher encontrará seu par e, quem sabe, a felicidade.

Por outro lado, no discurso da autora é enfatizado a falta de experiência feminina, a qual vem somente com a vivência, o que aponta para uma característica comum da faixa etária em questão: o amadurecimento da mulher e a melhor percepção da realidade que a cerca.

CATEGORIA 3 - HISTÓRIA SOBRE MATERNIDADE:

1) “Internei meu filho 14 vezes para livrá-lo do crack. E não consegui”

A leitora que conta essa história tem 57 anos. A história começou há treze anos. Essa é a única história das analisadas em que o problema não é diretamente da protagonista. Porém, por se tratar de uma relação de maternidade, o sofrimento é extremamente vivido pela leitora.

A narrativa segue a ordem cronológica, desde quando a protagonista adotou o seu filho, passando pelos primeiros problemas de comportamento, até o início do seu contato com as drogas. Em seguida, conta diversos momentos tensos vividos, resgates, internações, tentativas de achar soluções e períodos de esperança. Aproximando-se do final da narrativa, ela fala dos seus sentimentos.

Essa também é a única história que não possui um desfecho para o enredo. Mas apesar disso, a narrativa também termina de uma forma satisfatória, com a leitora se mostrando feliz com a situação atual, diz ver uma “luz no fim do túnel”.

O texto: “Internei meu filho 14 vezes para livrá-lo do crack. E não consegui”, aponta, desde o início para uma luta que a mulher vivencia contra o consumo de drogas por parte de seu filho. É interessante observar que o discurso dessa mãe demonstra uma grande tarefa realizada por ela, pressupondo que toda mãe tem essa obrigação, tentar livrar os filhos de “algo” perigoso para eles, entretanto, neste caso, ela ainda não obteve êxito na tarefa. E tal desprendimento inicia com uma decisão: “Não tive dúvidas, pedi demissão para me dedicar integralmente a ele” (p.120).

Outro aspecto que chama a atenção é o fato de a depoente, na maior parte do seu discurso, indicar que, apesar de casada, é ela quem toma para si a tarefa de ajudar o filho. Por exemplo, no destaque é possível ler: “Quando ele recai, ele some. Já levei 15 dias para achá-lo” (p. 120). As duas colocações anteriores podem revelar que a mãe é a responsável pelo cuidado do filho, desde o momento em que adotou a criança, até hoje, 28 anos depois.

Esse relato também é marcado pela dor de uma mãe que percebe não ter condições de combater a drogadição de seu filho, “Nada adiantava[...] Sem saída, resolvemos interná-lo” (p.120).

A autora do texto reflete a respeito da sobrevivência do rapaz, e a da família: “Se for para a rua, ele morre. Se ficar em casa, nos mata” (p.121). A mulher vê nitidamente que a convivência entre os indivíduos é conflituosa e que pode acarretar em um desfecho trágico caso o rapaz volte à convivência dos pais, entretanto tem a consciência de que se ele estiver sozinho, na rua, pode morrer.

Na sua exposição, a mulher expõe sua incompetência para livrar o filho de um grande mal, o consumo de drogas, mas mostra, por outro lado, que não se deixa abater por esse fato. Ou seja, apesar de saber que o vício é algo muito presente na vida do filho, ela luta com as forças que tem para ajudar esse filho. E essa é uma luta que já duram 13 anos, e que a mãe deixa claro para as outras leitoras que, provavelmente, não terá descanso ou um final definitivo. Entretanto ela finaliza indicando haver “[...] uma

luz no fim do túnel” (p.121), porque o filho tem se mostrado mais aberto ao tratamento que recebe na clínica na qual está internado no momento do relato da mãe.

CONCLUSÕES

A relação entre as mulheres e as revistas femininas, apesar de todas as mudanças ocorridas nas sociedades, ainda se revela muito intensa. As mulheres, muitas vezes, se valem do espaço que é oferecido para exporem seus pensamentos, opiniões, desejos, vivências.

Vê-se que, há muitos anos, as revistas femininas são consideradas amigas das mulheres, e, segundo Bassanezi (2009), já na década de 1950 eram qualificadas importantes conselheiras, fonte de informação e companheiras, influenciando, assim, a realidade das leitoras, principalmente aquelas da classe média. E, como afirma Jodelet (2001) esses espaços também são responsáveis pela cristalização de representações sociais, a partir dos discursos e imagens veiculados.

A seção escolhida para esta análise revelou um espaço destinado às mulheres maduras, que decidiram compartilhar com a revista e suas leitoras, uma história pessoal vivenciada por elas, dividindo, assim, as suas vivências. Nesse momento tornando-se, de certa forma, conselheiras que, expondo suas vivências, indicam caminhos a serem seguidos, se outra mulher vivenciar o fato narrado.

Nesses textos, a idade surge como um elemento que ratifica a experiência e a possibilidade dessa mulher se tornar alguém capaz de, a partir de sua experiência, aconselhar as leitoras. É importante salientar que esse aconselhamento não é de maneira objetiva, mas, a partir do relato da vivência, a leitora poderá tomar para si a situação, refletir a respeito dela e talvez usá-la como se fosse sua própria experiência.

Um detalhe comum em todas as histórias é o tempo longo entre o acontecimento e o relato, no mínimo 10 anos separam as duas situações. Isso pode ter vários motivos. Em alguns casos, como na história de Janeiro e Agosto, existia na época preconceito mais intenso, em relação aos temas abordados, o que pode ter ocasionado mal estar dessas mulheres. Com o tempo, o preconceito social diminuiu, e a vergonha pode ter se transformado em orgulho para contar a história como um episódio de superação. Outro

possível motivo, é que com o passar dos anos e uma maior sabedoria, essas mulheres maduras perceberam o quanto aquela experiência foi importante nas suas vidas, e apontam para as leitoras justamente esse fato, que a maturidade possibilita verificar as experiências com olhar mais claro.

É importante observar, também, as temáticas abordadas pelas autoras dos textos, que são amor, saúde e maternidade. Esses assuntos normalmente são identificados com preocupações mais femininas que masculinas, pois refletem o universo destinado às preocupações femininas pela sociedade.

O papel de conselheira da revista feminina existe há muito tempo. Os assuntos e conselhos mudam conforme a sociedade e, a própria mulher, muda. Porém, nesse trabalho é possível verificar que não apenas a revista pode conversar com as leitoras, mas que pode proporcionar um espaço de conversa entre as leitoras.

Nesse espaço não se observa a imagem dessas mulheres, enfatizando, que o que importa é realmente a sua experiência, a partir da reflexão de situações vivenciadas anteriormente. Talvez, aqui, a aparência física seja irrelevante diante do conhecimento adquirido ao longo do tempo.

Referências

ALI, Fátima. *A arte de editar revistas*. São Paulo: Campanha Editora Nacional, 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.

BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados – História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1990.

DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice. Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Universidade de São Paulo:2012.

GRADIM, Clícia Valim Côrtes; SOUZA, Ana Maria Magalhães; LOBO, Juliana Magalhães. *A prática sexual e o envelhecimento*. Minas Gerais, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. A bela velhice. Rio de Janeiro: Record, 2013. In: JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d' Água/Fapesp, 2001.

MORI, Maria Elizabeth; COELHO, Vera Lucia Decnop. *A vida ouvida: a escuta psicológica e a saúde da mulher de meia-idade*. 2003.

PRIORE, Mary del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

RODRIGUES, Aretusa de Paula. JUSTO, José Sterza. *A resignificação da feminilidade na terceira idade*. Porto Alegre: Estud. interdiscipl. Envelhec, 2009.

STEFANELO, Camila Marquetti. *O feminismo em Elle*. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.